

Evento: XXV Jornada de Pesquisa
ODS: 4 - Educação de qualidade

CONSIDERAÇÕES SOBRE A ESTÉTICA DECADENTISTA NO CONTO HISTÓRIA DE GENTE ALEGRE, DE JOÃO DO RIO¹

CONSIDERATIONS ABOUT DECADENTIST AESTHETICS IN THE SHORT STORY HISTÓRIA DE GENTE ALEGRE, BY JOÃO DO RIO

Sabrina Ferraz Fraccari²

¹ Análises parciais referentes a projeto de pesquisa de mestrado em andamento na Universidade Federal de Santa Maria, apoiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES).

² Licenciada em Letras Português e Espanhol, pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS/Campus Cerro Largo). Mestranda em Letras na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM/ Campus Santa Maria). Bolsista CAPES. E-mail: ferrazsabrina13@gmail.com

RESUMO: O objetivo deste artigo consiste em reconhecer e analisar elementos característicos da estética decadentista no conto “História de gente alegre”, de João do Rio, parte do livro *Dentro da noite*, publicado originalmente em 1910. Com base nas considerações de Levin (1996), Moretto (1989), Bataille (1987) e Berman (1986), é possível reconhecer no conto analisado elementos característicos da estética decadentista, especialmente o artificialismo e a transgressão. Em um mundo no qual não há mais certezas como é o mundo moderno, as personagens do conto recorrem às sensações artificiais em busca de algum prazer que dê a elas motivos para viver e preencha a sensação de vazio que têm. No entanto, esta busca conduz direto à morte, sugerindo a impossibilidade de encontrar formas de preencher o vazio da vida no mundo moderno.

ABSTRACT: The purpose of this paper is to recognize and analyze elements characteristic of the decadentist aesthetics in the short story “História de gente alegre”, by João do Rio, part of the book *Dentro da noite*, originally published in 1910. Based on the considerations of Levin (1996), Moretto (1989), Bataille (1987) and Berman (1986), it is possible to recognize in the short story analyzed elements characteristic of the decadentist aesthetics, especially artificialism and transgression. In a world in which there is no longer certainty as the modern world is, the characters in the short story resort to artificial sensations in search of some pleasure that gives them reasons to live and fills the feeling of emptiness they have. However, this search leads directly to death, suggesting the impossibility of finding ways to fill the void of life in the modern world.

PALAVRAS-CHAVE: Conto brasileiro; *Fin-de-siècle*; *Belle Époque*.

KEYWORDS: Brazilian short story; *Fin-de-siècle*; *Belle Époque*.

1 INTRODUÇÃO

João Paulo Alberto Coelho Barreto (1881-1921), mais conhecido pelo pseudônimo literário João do Rio, é um escritor carioca cuja maior parte da produção se deu nas duas primeiras décadas do século XX. Mais conhecido pela atuação no jornalismo, João do Rio foi também cronista, contista, romancista e teatrólogo, e produziu uma vasta obra que constitui importante retrato da sociedade que habitou a cidade do Rio de Janeiro no início do século passado, pois desfilam por suas

Evento: XXV Jornada de Pesquisa

ODS: 4 - Educação de qualidade

histórias prostitutas, marinheiros, imigrantes, artistas, presidiários, dândis, aristocratas, burgueses, entre muitos outros.

No entanto, mesmo com uma produção literária tão significativa, quando nos propomos a buscar, na historiografia literária, o nome de João do Rio, percebemos um apagamento de tão singular figura. O escritor carioca não aparece em livros didáticos e, mesmo em teóricos, goza de pouco espaço, sendo constantemente acusado de superficialidade e frivolidade por críticos literários importantes, como Antonio Candido (1980) e Lúcia Miguel-Pereira (1973).

A produção literária de João do Rio se deu, sobretudo, entre os finais do século XIX e as duas primeiras décadas do século XX, mais precisamente junho de 1899, quando Paulo Barreto publica a crítica teatral intitulada “Lucília Simões”, e 23 de junho de 1921, quando, assinado por João do Rio, é publicado o artigo “Ao Vice-Embaixador Clark – em Paris”. Tal período, denominado “Pré-Modernismo” por Tristão de Athayde (1939, p.07), compreende um momento de alvoroço intelectual e busca pela renovação, que seriam logo alcançadas a partir do movimento modernista, inaugurado em 1922.

Tal alvoroço intelectual, que caracteriza as duas primeiras décadas do século passado, se dá em virtude, sobretudo, das diferentes influências sociais, culturais e estéticas que chegam da Europa com a chamada Belle Époque tropical. João do Rio, “espectador encantado da exibição moderna”, nas palavras de Sússekind (1987, p. 25), foi testemunha de todas essas influências, tendo inclusive refletido algumas delas em sua produção literária. Assim sendo, nosso objetivo com este trabalho consiste em reconhecer e analisar elementos característicos da estética decadentista no conto “História de gente alegre”, de João do Rio, que faz parte do livro *Dentro da noite*, publicado originalmente em 1910.

2 DECADENTISMO E *BELLE ÉPOQUE* TROPICAL

Quando nos voltamos à historiografia literária em busca do período correspondente às duas primeiras décadas do século XX, encontramos o que Tristão de Athayde (1939) chamou de “Pré-Modernismo”, denominação adotada sobretudo em função da falta de outra melhor, do que em virtude de uma afinidade de estilos entre os escritores do período. Bosi (1966) vê com cautela a denominação adotada, uma vez que esta dá a entender a existência de uma precedência cronológica, abarcando todos os escritores que tivessem vindo antes do Modernismo, ou de uma precedência formal, sendo Pré-modernistas os escritores que apresentassem aproximações temáticas e formais com o Modernismo.

Paes (1985), na tentativa de lançar novo olhar acerca do Pré-Modernismo, propõe que se transponha, do campo das artes visuais para o campo da literatura, o conceito de *art nouveau*, ou “arte nova”. Tal conceito denominaria uma literatura de ornamento, da qual João do Rio seria o principal representante em terras brasileiras.

Levin (1996), por sua vez, aproxima a produção ficcional de João do Rio do Decadentismo, estética literária surgida na França no final do século XIX, que postulou que a literatura deveria se opor à vida burguesa e buscar o prazer em práticas pouco comuns, apelando, sobretudo, para o refinamento

Evento: XXV Jornada de Pesquisa

ODS: 4 - Educação de qualidade

das sensações. A estética decadentista aparece na obra ficcional de João do Rio principalmente nos contos de *Dentro da noite*, publicado em 1910, que apresentam, em sua maioria, histórias que tratam de uma busca desenfreada pelo prazer a qualquer custo, seja pelo jogo, pelo uso de ópio ou morfina, ou pelo sadismo.

O contexto francês, sobretudo a partir da década de 1870, passou a refletir uma série de agitações intelectuais e estéticas, impulsionadas pelo *spleen* baudelairiano. Havia, desde então, uma sensação de mal-estar, caracterizada por uma atmosfera de melancolia e desesperança, identificada especialmente entre as elites, e que se opunha à ideologia positivista. Tal sensação se traduz em “um cansaço, uma vaga ideia de algo que morre, de um mundo em decomposição” (MORETTO, 1989, p. 14). Ao mesmo tempo, havia também “por toda a parte a necessidade de uma luta por algo diferente, por uma renovação” (MORETTO, 1989, p. 15).

A racionalidade científica que adentrou ao campo das artes especialmente a partir do Realismo gerou, por toda a Europa, diversas correntes espirituais que buscaram preservar os ideais do Romantismo, especialmente aqueles encontrados na obra de Jean-Jacques Rousseau. Para o filósofo, o ser está dividido entre a razão e a consciência, mas é a consciência que domina a razão, obrigando-a a agir, e não o contrário: há uma interiorização subjetiva, em oposição à racionalidade de Descartes. É precisamente essa noção do eu composta de razão e imaginação que subsiste até o final do século XIX, sendo retomada pelos decadentes, que reivindicam para si “uma nova estética e sobretudo um novo fazer” (MORETTO, 1989, p. 18), explorando novamente as potencialidades do eu poético característico do Romantismo enquanto autoconsciência.

As influências francesas multiplicam-se no Brasil desde o século XIX, atingindo o ápice com a chamada *Belle Époque* tropical, especialmente identificada ao Rio de Janeiro no contexto *fin-de-siècle*. Sob as ordens do então prefeito Pereira Passos, a cidade do Rio de Janeiro, então capital da jovem República Federativa do Brasil, foi transformada, no período conhecido como “bota-abaixo” (1902-1906): foram derrubados os casarões imperiais para dar espaço às avenidas, pelas quais desfilavam, em número cada vez maior, os automóveis, símbolos do progresso (BROCA, 2005).

Além da estrutura, modificam-se também os hábitos e costumes: importa-se tudo da França, desde a moda até o vocabulário. Promove-se toda uma mudança cultural, tematizada e refletida pela literatura. João do Rio, como flâneur que foi, registrou em seus escritos as modificações na cidade, bem como na organização da sociedade de então. Sensível aos ideais que chegavam da Europa, foi um grande admirador de escritores franceses, como Anatole France e Jean Lorrain, mas especialmente do irlandês Oscar Wilde, tendo sido inclusive tradutor de obras do autor, como a peça *Salomé* e do romance *O retrato de Dorian Gray*, por exemplo. Do contato com as obras desses autores, conheceu os ideais decadentes, capazes de lançar nova perspectiva acerca da sociedade que se constituía na cidade do Rio de Janeiro naquele contexto histórico: uma sociedade de figurino, encantada com a modernidade e sensível apenas aos seus próprios desejos.

3 ARTIFICIALISMO E TRANSGRESSÃO NO CONTO “HISTÓRIA DE GENTE ALEGRE”, DE JOÃO DO RIO

Evento: XXV Jornada de Pesquisa

ODS: 4 - Educação de qualidade

Em “História de gente alegre”, o leitor acompanha o Barão Belfort – personagem recorrente na obra de João do Rio e um típico dândi – narrando a um grupo de ouvintes, todos seus amigos e pertencentes à nova elite econômica, a história de Elsa d’ Aragon. No entanto, o primeiro narrador do conto é um dos amigos do Barão, convidado por ele para um jantar, e que toma para si a tarefa de caracterizar o ambiente cosmopolita no qual transformou-se a cidade do Rio de Janeiro. O narrador encontra-se em um terraço do Smart-club, de onde pode observar o que se passa na rua, em um fim de tarde. Iluminados pelas lâmpadas elétricas que dão novas cores aos boulevares cariocas, desfilam diversos automóveis, cujos condutores buzina sem parar, emprestando novos sons ao entardecer.

O terraço encontrava-se cheio de cavalheiros franceses, ingleses e americanos, além dos cariocas, “com risos artificiais, risos postiços, gestos a contragosto do corpo, todos bonecos vítimas da diversão *chantecler*” (RIO, 2002, p. 31), que se cumprimentavam rapidamente, seja em francês, inglês ou espanhol. Havia também cocotes, que arrastavam entre os cavalheiros seus vestidos caríssimos e seus gestos afetados, sempre buscando seduzir. Após a descrição minuciosa desse ambiente cosmopolita, o narrador ouve ao longe a menção ao nome de Elsa d’ Aragon, uma jovem cantora de 18 anos que fora descoberta por um empresário “cuja especialidade sexual era desvirginar meninas púberes” (RIO, 2002, p. 32).

A narração, então, passa ao Barão de Belfort, responsável por entreter seus convidados com a história de Elsa. Após ser descoberta, a moça tornou-se prostituta, e desenvolveu uma paixão pelos excessos, comum à vida que passou a levar. Segundo o Barão:

Elas acordam para o almoço, em que aparecem vários homens ricos. O almoço é muito em conta, os vinhos são caríssimos. A obrigação é fazer vir vinhos. Desde manhã elas bebem champanhe e licores complicados. Nesses almoços discute-se a generosidade, a tolice, ou a voracidade dos machos. [...] Nesse fantochismo lantejoulado há vários gêneros: o doidivana, o sério, o reservado, o nature, o romântico, e para encher o vazio, os vícios bizarros surgem. Elas ou tomam ópio, ou cheiram éter, ou se picam com morfina, e ainda assim, nos paraísos artificiais são muito mais para rir, coitadas! mais malucas no manicômio obrigatório da luxúria (RIO, 2002, p. 35).

Elsa, mesmo sendo do gênero *nature*, acabou também por desenvolver o desejo pelas sensações artificiais, pois o que a movia era o desejo de experimentar algo novo e, ao mesmo tempo, artificial, elementos estes que, segundo Levin (1996), são característicos da estética decadentista. Em sua busca, a jovem é aconselhada pelo Barão a cometer “um grande excesso: champanhe, éter ou morfina...” (RIO, 2002, p. 37).

Para a surpresa do dândi, Elsa se aproxima de Elisa, também prostituta, e conhecida como a mestra dos paraísos artificiais. Além disso, Elisa também dava demonstrações de conservar certo desejo sexual por Elsa, que costumava fugir. Por isso a surpresa do Barão. Ao final de uma noite qualquer, Elsa conduz Elisa ao quarto e as duas protagonizam uma cena de orgia regada à éter e morfina, que acaba na morte de ambas em um cenário lúgubre e, ao mesmo tempo, horrível, conforme descrição do Barão:

O quarto, cheio de sombra, mostrava, em cima das poltronas, as sedas de renda da Elsa.

Evento: XXV Jornada de Pesquisa

ODS: 4 - Educação de qualidade

Um frasco de éter aberto, empestava o ambiente. A Elisa, o corpo da Elisa estava de joelhos à beira da cama. Os braços pendiam como dois tentáculos cortados. Inteiramente nua, o corpo divino lívido, os cabelos negros amarrados ao alto como um casco de ébano, Elsa d’Aragon, as pernas em compasso, a face contraída, ainda sentada agarrava com as duas mãos, numa crispação atroz, a cabeça da Elisa. Era Elisa que rouquejava. Elsa estava bem morta, o corpo já frio. Devia ter havido luta, resistência de Elsa, triunfo da mulher loura e por fim sem fim até a morte, enquanto a outra se estorcia, apertava-a, arrancava-lhe os cabelos, machucava-lhe o rosto —aquele horror (RIO, 2002, p. 40).

Elsa acredita que seu desejo pelo novo pode ser saciado pelo uso de éter e morfina, e também pela relação sexual com outra mulher. No entanto, ela afirma não ter desejo por Elisa, pois fugia inclusive dos olhares da última. O gosto de Elsa pelo artificialismo leva-a rumo a um caminho de transgressão que, segundo Bataille (1987), conduz o ser humano a contradizer sua própria natureza, vendo no proibido e na possibilidade de transgredi-lo uma fonte de prazer. As transgressões de Elsa estão contidas nos sentidos, perturbados para alcançar sensações artificiais, e no corpo, objeto do prazer sexual de outra mulher. A transgressão pelo desvio sexual é, de acordo com Levin (1996), uma das temáticas exploradas pela estética decadentista. O corpo feminino, amplamente observado e descrito nos textos ficcionais de João do Rio sempre a partir de olhares masculinos, se torna, em “História de gente alegre”, um objeto de desejo de outra mulher, que quer possuí-lo e o faz, ainda que isso a leve à morte.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desejo de encontrar novas sensações capazes de lhe concederem motivos para viver que levaram Elsa rumo à morte, sugerindo, assim, a impossibilidade de alcançar uma sensação que preencha o vazio sentido pela personagem. Esta impossibilidade tematizada pelo Decadentismo, de acordo com nossa leitura, resulta das transformações que a modernidade impôs aos indivíduos, perturbados em meio às inovações técnicas e a um mundo que surge desprovido de certezas.

Berman (1986, p.13) define bem essa sensação, que faz com que o indivíduo moderno guarde consigo o “terror da desorientação e da desintegração, o terror da vida que se desfaz em pedaços”. Diante da falta de certezas, o indivíduo busca algo em que se amparar. Elsa, a fim de encontrar este amparo, recorre à busca pelas sensações artificiais e pela transgressão que, no entanto, levam-na à morte, única possibilidade de a personagem encontrar aquilo que procura. A cena da morte de Elsa, e também de Elisa, se dá coberta pela escuridão da noite, que serve para ocultar os desejos, inconfessáveis durante o dia.

REFERÊNCIAS

ATHAYDE, Tristão de. *Contribuição à história do Modernismo: O pré-modernismo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1939.

BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Tradução de Antonio Carlos Viana. Porto Alegre: LPM, 1987.

Evento: XXV Jornada de Pesquisa

ODS: 4 - Educação de qualidade

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: A aventura da modernidade*. Tradução de Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BOSI, Alfredo. *A literatura brasileira. v. 5. O pré-modernismo*. São Paulo: Cultrix, 1966.

BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil de 1900*. 4 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

CANDIDO, Antonio. Radicais de ocasião. In: *Teresina etc*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

LEVIN, Orna Messer. *As figurações do dândi: um estudo sobre a obra de João do Rio*. Campinas: Ed. Unicamp, 1996.

MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. *História da Literatura Brasileira: prosa de ficção – de 1870 a 1920*. 3ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: INL, 1973.

MORETTO, Fulvia M.L. *Caminhos do Decadentismo Francês*. São Paulo: Perspectiva, 1989.

PAES, José Paulo. O *art nouveau* na literatura brasileira. In: *Gregos e baianos*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

RIO, João do. *Dentro da noite*. São Paulo: Antíqua, 2002.

SÜSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de letras: literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

Parecer CEUA: 640.285